

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIDÁTICA DO ENSINO SUPERIOR

ASENATE REIS SANTIAGO

**LEITURA LITERÁRIA E SABERES INDÍGENAS EM DIÁLOGO: LETRAMENTO
ÉTNICO RACIAL NA GRADUAÇÃO E MESTRADO EM LETRAS DE UMA
UNIVERSIDADE PÚBLICA**

Imperatriz

2024

ASENATE REIS SANTIAGO

**LEITURA LITERÁRIA E SABERES INDÍGENAS EM DIÁLOGO: LETRAMENTO
ÉTNICO RACIAL NA GRADUAÇÃO E MESTRADO EM LETRAS DE UMA
UNIVERSIDADE PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Didática do Ensino Superior da Universidade Estadual de Região Tocantina do Maranhão, para obtenção do título de especialista em educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Castelo Branco de Lima

Imperatriz

2024

S235I

Santiago, Asenate Reis

Leitura literária e saberes indígenas em diálogo: letramento étnico racial na graduação e mestrado em letras de uma universidade pública. / Asenate Reis Santiago. – Imperatriz, MA, 2024.

18 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Didática do Ensino Superior) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2025.

1. Leitura indígena. 2. Letramento étnico racial. 3. Leitura literária. 4. Imperatriz - MA. I. Título.

CDU 821.88(81)

ASENATE REIS SANTIAGO

**LEITURA LITERÁRIA E SABERES INDÍGENAS EM DIÁLOGO: LETRAMENTO
ÉTNICO RACIAL NA GRADUAÇÃO E MESTRADO EM LETRAS DE UMA
UNIVERSIDADE PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Didática do Ensino Superior da Universidade Estadual de Região Tocantina do Maranhão, para obtenção do título de especialista em educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Castelo Branco de Lima

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Lilian Castelo Branco de Lima (Orientadora)

Doutora em Antropologia Social
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Witembergue Gomes Zapparoli

Doutor em Letras
Universidade Federal do Maranhão

Thalia Braga Costa

Especialista em Psicopedagogia
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

RESUMO

O presente trabalho refere-se a um estudo sobre como uma universidade pública atende à Lei 11.645/2008 por meio do trabalho com literaturas indígenas. A fundamentação teórica baseia-se, em particular, nos trabalhos sobre letramento literário de Cosson (2020;2014) e literaturas indígenas na perspectiva de Graúna (2013) e Thiél (2012). E para atingir ao objetivo geral desta pesquisa que é analisar como os projetos de leitura, desenvolvidos pelos alunos, podem contribuir para o letramento para a diversidade étnica, com o intuito de identificar os elementos de identidade e saberes indígenas presentes nas obras e analisados pelos alunos do mestrado e da graduação em Letras em seus memoriais de aprendizagem, adotou-se os procedimentos metodológicos da pesquisa documental, com abordagem qualitativa. Os resultados indicam a relevância de se trabalhar obras de literatura indígena, tendo em vista que a leitura literária pode contribuir para a valorização da diversidade cultural e a descolonização do conhecimento, sendo uma ferramenta pedagógica que pode contribuir para a formação de leitores críticos e engajados. Concluimos, portanto, que os projetos de leitura são ferramentas pedagógicas eficazes para o letramento étnico racial, além de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e que respeitem as muitas diversidades étnicas existentes no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: literatura indígena; leitura literária; ensino; letramento étnico racial.

ABSTRACT

The present work refers to a study on how a public university complies with Law 11.645/2008 through work with indigenous literature. The theoretical foundation is based, mainly, on works on literary literacy by Cosson (2020;2014) and indigenous literatures from the perspective of Graúna (2013) and Thiél (2012). And to achieve the main objective of this research, which is to analyze how reading projects, developed by students, can contribute to literacy for ethnic diversity, with the aim of identifying elements of identity and indigenous knowledge present in the works and analyzed by students of the master's and undergraduate degrees in Literature in their learning memorials, the methodological procedures of documentary research were adopted, with a qualitative approach. The results indicate the relevance of working on writings of indigenous literature, considering that literary reading can contribute to the appreciation of cultural diversity and the decolonization of knowledge, being a pedagogical tool that can contribute to the formation of critical and engaged readers. We conclude, therefore, that reading projects are effective pedagogical tools for ethnic and racial literacy, in addition to contributing to the formation of more conscious citizens who respect the many ethnic diversities that exist in Brazil.

KEYWORDS: Indigenous Literature; Literary Reading; Teaching; Ethnic and racial literacy.

1 Introdução

Os cursos de Mestrado e Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa de uma universidade pública, apresentam uma matriz curricular que busca atender as diversidades da região, entre elas a diversidade étnico racial, com um foco para a ancestralidade africana e indígena. Nesse aspecto, vale mencionar que essa instituição está localizada em uma área circunda por povos originários, entre eles os Guajajara e Krikati, no Maranhão e os Apinajé, no Tocantins.

Também levando em consideração ao que determina a Lei 11.645/2008 quanto à obrigatoriedade do estudo de história e culturas afro-brasileira e indígenas nas escolas de ensino fundamental e médio, o curso de graduação que é de licenciatura, portanto de formação de professores, assume o compromisso de instrumentalizar os seus egressos para trabalhar essas temáticas e atender ao que determina a referida lei.

Desse modo, este trabalho se dedica a responder as seguintes questões norteadoras: Como essa universidade tem abordado as literaturas indígenas? Que elementos das identidades étnicas podem ser percebidas nas obras literárias trabalhadas? E como as ações dessa instituição contribuem para que se atenda a Lei 11.645/08 nas escolas de ensino básico e o letramento étnico racial dos alunos?

Nesse contexto, tendo em vista a limitação do artigo, lançamos o foco de nosso estudo para as disciplinas de Literatura Indígena, oferecida na graduação e Oralidade, Escrita e Identidades Culturais Indígenas, que oferecem, de forma mais específica, uma oportunidade aos discentes de conhecer e explorar a rica diversidade cultural dos povos originários do Brasil.

Importante mencionar que diante da densidade do que é trabalhado nas referidas disciplinas, entre discussão teórica, leitura e análise de obras literárias e elaboração de propostas didáticas e projetos de leitura para serem realizados na educação básica, delimitamos a investigação para projetos de leitura que foram desenvolvidos pelos alunos como uma das atividades avaliativas e os memoriais de aprendizagem das disciplinas propostos pela docente.

Ressaltamos a relevância deste trabalho e dos projetos objetos de nossas análises, tendo em vista que a literatura indígena, embora rica em conhecimento, ainda é pouco explorada no contexto escolar e universitário. Além do fato de que apesar da lei, em sua primeira versão ter mais de duas décadas, ainda não se efetiva nas práticas dessas instituições de ensino. E quando trabalhada, muitas vezes isso ocorre de forma superficial e enfatizada exclusivamente pela disciplina de História, o que pode até contribuir para o reforço de muitos estereótipos e

preconceitos arraigados ao longo desses cinco séculos, desde a invasão dos europeus às terras brasileiras.

Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é analisar como os Projetos de Leitura desenvolvidos pelos alunos, podem contribuir para o letramento para a diversidade étnica, com o intuito de identificar os elementos de identidade e saberes indígenas presentes nas obras e analisados pelos alunos do mestrado e da graduação em Letras em seus memoriais de aprendizagem.

Quanto aos procedimentos metodológicos, adotamos a abordagem da pesquisa documental (Chizzotti, 2006), tomando como objeto de estudo cinco projetos de leitura, elaborados pelos acadêmicos do curso de Letras, da turma de 2023.2 e cinco memoriais dos alunos autores dos projetos. Importante mencionar que a escolha foi feita considerando os que apresentaram obras diferentes. Para a análise no âmbito do mestrado, selecionamos cinco projetos e cinco memoriais da disciplina de Oralidade, escrita e identidade culturais indígenas, oferecida no Mestrado, da turma de 2021.1.

Além da pesquisa documental, também realizamos uma pesquisa bibliográfica, tanto para a construção dos dados da fundamentação teórica, quanto para a análise dos livros mencionados nos projetos, tendo em vista que necessitaríamos do conhecimento das obras literárias para a análise quanto à promoção do letramento para a diversidade étnica.

Assim, após a leitura e análise dos projetos, os dados foram organizados em quadros e discutidos tomando como base as ideias de Cosson (2020;2014), Evangelista e Machado (2011) sobre letramento literário, Graúna (2013) e Thiél (2012) sobre literatura indígena, entre outros.

Nesse percurso de construção, o artigo, além desta introdução, apresenta no item seguinte uma discussão sobre a literatura indígena e a forma como ela se relaciona com a memória dos povos originários e suas identidades culturais. Em seguida, temos a análise dos projetos em diálogo com a fundamentação sobre letramentos literário e étnico racial, finalizando com as considerações finais.

2 Literatura Indígena: entre Memórias, Resistências e Identidade

Na tradição indígena, os saberes e fazeres são/foram transmitidos ao longo do tempo pela oralidade, sendo que o papel de ser a biblioteca de seus povos se materializa nos corpos daqueles que detém esses conhecimentos, o que na maioria das etnias que se tem acesso, é feito pelos mais velhos, como assinala Olívio Jekupé (2005, p. 17-18):

[...] uma coisa posso dizer que é igual, tanto entre nós Guarani, ou outra nação, uma coisa que é comum, o que estou tentando dizer é que em todas as aldeias sempre existe um velho(a), e eles são pessoas de grande valor no meio da comunidade. Não por serem pessoas velhas, mas porque sabemos que a velhice é sinal de conhecimento, de sabedoria, são eles que podem nos contar muitas histórias do passado, são eles que dão fundamento à cultura e tradição.

Márcia Kambeba (2018) também reforça essa compreensão de que é pela oralidade que os saberes são repassados de geração em geração e menciona que ao passar dos anos, os indígenas perceberam a importância de dominar também as técnicas da escrita, para que pudessem utilizá-la como uma estratégia de resistência e facilitar tanto o registro como a divulgação desses conhecimentos entre os indígenas e, em especial, os não-indígenas. “Com a escrita nasce a “literatura indígena”, uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência” (Kambeba, 2018, p. 39).

E, ao nascer, a literatura indígena desafia a hegemonia da narrativa eurocêntrica, apresentando uma visão de mundo alternativa, baseada na harmonia com a natureza, a espiritualidade e a ancestralidade. Em um movimento que propõe aos não-indígenas repensarem suas crenças, valores e paradigmas, no intuito de que se (re)conheça a riqueza da diversidade cultural brasileira e assim possa contribuir para que se construa um futuro mais justo e inclusivo. Por isso, do ponto de vista de Thiél (2012, p. 63): “Muitos dos textos indígenas contemporâneos se dirigem, sem disfarces, aos não índios¹. Há autores que, inclusive, fazem questão de afirmar que seus textos são orientados para a educação dos não índios”.

“Nessa perspectiva, o texto literário convoca a uma leitura interdisciplinar e, ao mesmo tempo, permite observar a relação entre identidade, auto-história, deslocamento e alteridade entre outras questões que depreendem da poesia e da narrativa” (Graúna, 2013, p. 16). Mais do que palavras escritas em páginas, é um universo pulsante,

um mosaico de vozes que ecoam através dos séculos, registra a memória e contam histórias que desafiam a história oficial.

Nesse sentido, “[...]os autores indígenas contemporâneos expressam consciência do poder da escrita para sua inserção como agentes de construção de um passado, de um presente e possivelmente de um futuro [...]” (Thiél, 2012, p. 103). Dessa forma, essa produção literária de autoria indígena resgata memórias ancestrais, tecendo narrativas que preservam a

¹ Apesar de reconhecermos a importância do uso da nomenclatura indígena e/ou originários, mantivemos o termo “índio” pois faz parte da citação da autora, que tem sua obra publicada em 2012.

cosmovisão dos povos originários, seus valores, crenças e tradições. Isso porque, como analisa Tiago Hakiy (2018, p. 38):

Esta literatura tem contornos de oralidade, com ritos de grafismos e sons de floresta, que tem em suas entrelinhas um sentido de ancestralidade, que encontrou nas palavras escritas, transpostas em livros, não só um meio para sua perpetuação, mas também para servir de mecanismo para que os não indígenas conheçam um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários.

Ao discutir sobre o processo histórico das produções literárias de autoria indígena, Thiél (2012) analisa: “Pela escritura e inserção no mercado editorial, as nações indígenas entram na história, não mais coadjuvantes, e obtêm reconhecimento”. Uma vez que, a literatura indígena é um ato de resistência, uma recusa em ser silenciado e ter sua história apagada. Ressaltando-se que, por meio da escrita, os povos originários denunciam as violações de seus direitos, a exploração de seus territórios, a invisibilidade de sua cultura. Nessa perspectiva, para Graúna (2013, p.55), a literatura é um grito por justiça, um clamor por reconhecimento e respeito:

Apesar da falta do seu reconhecimento na sociedade letrada, as vozes indígenas não se calam. O seu lugar está reservado na história de um outro mundo possível. Visando a construção desse mundo, os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com os textos indígenas [...].

Dessa maneira, como produção social de um povo, a literatura acompanha suas transformações e com a literatura indígena não é diferente, tornando-se, portanto, um processo dinâmico de reconstrução da identidade. Nesse contexto, as narrativas literárias que por séculos estiveram na oralidade, ao lançar mão do suporte da escrita, se apresentam como uma estratégia para que os povos originários redefinam suas próprias narrativas, desafiando os estereótipos e as representações colonizadas.

Quanto ao uso da escrita, na compreensão de Thiél (2012, p. 99): “O texto indígena pode ter sido escrito não por duas mãos, mas por cem mil vozes ou mais”. Logo, além de apresentar suas práticas culturais e contribuir para a manutenção da identidade indígena, o texto de autoria indígena também desafia a compreensão de autoria individual, pois ao afirmarem em suas obras que são narrativas inspiradas e aprendidas com os “mais velhos”, se compreende que a literatura indígena é um processo de autoafirmação, de ressignificação da história e da cultura, de construção de um futuro empoderado e autônomo.

Pode-se afirmar, portanto, que a literatura indígena é um mosaico de vozes, culturas e línguas, que pode contribuir para o letramento para diversidade étnica, levando em consideração

que o letramento é mais que decifrar códigos, como assinala Soares (1998, p. 107) é “[...] é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita”.

Uma dessas práticas sociais que a leitura pode favorecer é o conhecimento sobre os povos originários, ao se conhecer, valorizar e respeitar, para que se tenha um convívio respeitoso com a diferença étnica. Pois, na compreensão de Cosson (2020, p. 105): “[...] por meio do texto literário o conhecimento do outro ou, mais precisamente, o reconhecimento da alteridade e da diversidade dos seres humanos” são possíveis.

E a partir da promulgação da Lei 10.639/03 e da sua alteração pela Lei 11.645/08, como analisa Graúna (2013, p.69): “No campo das Letras, cresce o interesse de se conhecer o pensamento indígena e o afro-brasileiro, entre outros povos excluídos dos estudos literários”. Pode se dizer, então, a literatura indígena abre um portal para o diálogo intercultural, promovendo o respeito à diversidade cultural e o reconhecimento dos direitos dos povos originários, por meio da leitura e do contato com essas obras, influenciando na desconstrução de preconceitos, ampliando a visão de mundo e a construção de pontes entre diferentes culturas.

De acordo com Thiél (2012, p.65) “[...] a escrita indígena situa-se em um entrelugar de produção e recepção literária. Essa escrita visa a um leitor indígena local, da comunidade na qual o texto é produzido, mas pode transitar para outras comunidades indígenas, numa troca de saberes e valores ancestrais”. Por isso, a literatura indígena pode ser entendida como um convite para nos unirmos à luta por um mundo mais justo, onde a diversidade cultural seja respeitada e valorizada, onde os povos originários possam viver em paz e harmonia com a terra e com seus próprios valores.

3 Pelos caminhos das Literaturas indígenas: uma análise das memórias de um letramento para a diversidade étnica indígena

A universidade *locus* da pesquisa é uma instituição pública, que entre seus cursos oferece a licenciatura em Letras/Português e o Mestrado em Letras, sendo que busca cumprir o que determina a Lei 11.645/2008 no que se refere aos povos indígenas, tanto na graduação, quanto na pós-graduação. E uma das estratégias para que isso aconteça é a oferta da disciplina Literatura indígena como obrigatória, além de abordar também os saberes e literaturas indígenas nas disciplinas de Poesia Brasileira, Literatura e Ensino e Literatura Infantil e juvenil. E no mestrado, as temáticas e saberes indígenas são trabalhados de forma mais enfática nas disciplinas Memória e Regionalidade e Oralidades, escritas e identidades culturais indígenas.

Portanto, o que se observa é que há um compromisso da instituição com o (re)conhecimento e a valoração das epistemologias, saberes e artes indígenas, entre elas a Literatura escrita por esses povos. E isso feito de uma forma contínua no processo de formação dos discentes, em um trabalho que busca instrumentalizar os futuros docentes para que possam também atender a referida lei quando atuarem nas escolas de educação básica.

Como mencionado, o trabalho com as literaturas indígenas nessa universidade é denso, por isso, a delimitação para as disciplinas Literatura indígena e Oralidades, escritas e identidades culturais indígenas, pois são aquelas que em suas ementas abordam exclusivamente saberes indígenas por meio de obras literárias.

No projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Letras, na disciplina de Literatura indígena consta a seguinte ementa: “Literatura indígena: memória, identidade e saberes tradicionais. Discussão sobre cultura, oralidade e escrita. O ensino de literatura indígena e a legislação educacional brasileira. Autoria na literatura indígena: produção e representatividade no cenário literário brasileiro. A literatura indígena em diálogo com outras manifestações artísticas”.

E no Mestrado em Letras, a disciplina Oralidades, escritas e identidades culturais indígenas aborda os seguintes temas em seu ementário: “Discussões sobre os conceitos de literatura, cultura e o ensino de literatura indígena. As marcas da oralidade e multimodalidade na autoria indígena. Análise dos aspectos estético-ideológicos de obras de autores representativos da literatura indígena brasileira, com foco para o diálogo entre literatura, memória e identidade étnico racial”.

Assim, seguindo com a delimitação para este estudo, selecionamos para análise documental os projetos de leitura desenvolvidos na disciplina Literatura indígena que abordavam as seguintes obras: “O povo Kambeba e a gota d’água”, de Márcia Kambeba, que apresenta uma narrativa de como nasceu o povo Omágua/Kambeba e “A festa dos encantados”, narrada pelo Tamuiz Vicente, que conta como o povo Guajajara aprendeu os rituais praticados por essa etnia, entre eles: as festas do mel, do milho, das moças e dos rapazes.

Na disciplina Oralidades, escritas e identidades culturais indígenas selecionamos aqueles projetos que mencionavam: “Taynôh: o menino que tinha cem anos”, de autoria de Aline Pachamama, contando a história de um menino indígena que vai buscar no mundo não-indígena respostas para suas inquietações e, ao se deparar com um modelo de sociedade que vai totalmente de encontro com sua essência e valores, retorna para sua gente.

É necessário mencionar que na elaboração desses projetos, propostos como atividade avaliativa pela professora dessas disciplinas, deveriam constar a apresentação da obra,

informações sobre o/a autor/a, a identificação de elementos relacionados às identidades e práticas culturais dos indígenas, a metodologia de como deveria ser trabalhada a obra literária, as possibilidades de diálogo interdisciplinar e as formas como se poderia avaliar a aprendizagem dos alunos sobre o que foi discutido no projeto.

Já o memorial de aprendizagem adotado também nas duas disciplinas foi norteado pelas seguintes perguntas: O que eu aprendi na disciplina nos aspectos estético-ideológicos de produções literárias de autoria indígena? E como os estudos realizados na disciplina contribuiu para o meu letramento sobre as relações étnico raciais?

Para melhor organização dos dados, apresentamos a seguir dois quadros, um representando o que foi realizado na graduação e o outro no mestrado, constando a identificação da obra trabalhada, os elementos de identidade étnica e práticas culturais e os apontamentos feitos pelos discentes de como o trabalho com cada obra contribuiu para o letramento étnico relacionado aos povos indígenas.

Quadro 1 – Identidades e práticas culturais indígenas e letramento étnico na disciplina de Literatura indígena

| Obra trabalhada | Elementos de identidade étnica e práticas culturais indígenas observadas na obra apontados nos projetos de leitura | Contribuições para o letramento étnico apresentados nos memoriais de aprendizagens |
|---|--|---|
| “O povo Kambeba e a gota d’água”, de Márcia Kambeba | A ancestralidade e a transmissão de conhecimentos pelos mais velhos: “Contam os mais velhos” (Kambeba, 2022, p. 7). “A remada era cuidadosa e exigia habilidades e saberes que só os mais velhos sabiam passar” (Kambeba, 2022, p. 15) Artefatos indígenas: | “Uma das contribuições de ter trabalhado com literatura indígena foi conhecer mesmo os povos indígenas, porque eu era praticamente leigo, o que sabia era muito vago e como foi muito repetido na disciplina: não se valoriza o que não se conhece” (Memorial 1). “Das muitas memórias dessa disciplina, uma coisa |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>“Juntos, também começaram a criar redes, cestos, potes, copos, pratos de argila e cerâmicas” (Kambeba, 2022, p. 11)</p> <p>Relação com os elementos da natureza:</p> <p>“Por ter uma relação forte com a água, os Omágua/Kambeba buscavam construir suas aldeias perto do rio” (Kambeba, p. 12)</p> <p>Diálogo e presença de humanos e não-humanos:</p> <p>“A menina estendeu a mão e o velho lhe deu um colar. Com uma voz de líder, falou que aquele seria o símbolo entre o mundo físico e o mundo das águas” (Kambeba, 2022, p. 19).</p> <p>Compromisso dos indígenas com a proteção da vida:</p> <p>“E foi assim que os povos indígenas se tornaram guardiões de saberes e dos seres que vivem na terra”. (Kambeba, 2022, p. 25).</p> | <p>considero como muito importante entender que cada povo vê o mundo pela sua lógica, por exemplo, uma desconstrução foi perceber que todos os povos têm sua narrativa de origem, como os Omágua, da Márcia Kambeba, e que isso faz sentido sim, porque é na lógica desse povo e não do meu” (Memorial 2).</p> <p>“Ao ler obras de literatura indígena, como a da Márcia Kambeba, podemos conhecer muitos elementos da identidade e das culturas indígenas, como as que apontamos nos projetos de leitura e que infelizmente desconhecemos. Como vimos na disciplina, além de conhecer, foi possível pensar formas de como levar essa literatura para a sala de aula quando formos professores” (Memorial 3).</p> |
| <p>“A festa dos encantados”, narrada pelo Tamuiz Vicente</p> | <p>A ancestralidade e a transmissão de conhecimentos pelos mais velhos:</p> | <p>“Estudar a literatura de povos indígenas é também perceber esse caminho da oralidade para a escrita como nós discutimos na disciplina e</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>“Essa história que eu vou contar, eu ouvi dos meus antepassados. A história não é minha. Vou contar o que ouvi os mais velhos falando”(Coletivo 105, 2016, p. 7)</p> <p>Artefatos indígenas:</p> <p>“Ele atirou sua flecha” (Coletivo 105, 2016, p. 16)</p> <p>Relação com os elementos da natureza:</p> <p>“Admirado com a quantidade de araras que o pajé trazia” (Coletivo 105, 2016, p. 14)</p> <p>Diálogo e presença de humanos e não-humanos:</p> <p>“O pajé ficou um bom tempo preso no mundo dos encantados” (Coletivo 105, 2016, p. 24)</p> | <p>valorizar também esses saberes, como o que aprendemos ao estudar o livro dos Guajajara” (Memorial 4).</p> <p>“Antes dessa disciplina eu tinha muitos preconceitos sobre os indígenas e ler obras desses povos como da festa dos encantados e a partir dela ir buscar saber sobre o povo, que foi uma proposta da disciplina, além de me fazer conhecer e pensar um memorial de aprendizagem, me fez questionar minha própria humanidade e minha relação com as outras pessoas e suas diversidades. Penso que esse é o caminho”. (Memorial 5).</p> |
|--|---|--|

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No Quadro 2, apresentado abaixo, apresentamos os dados referentes aos projetos desenvolvidos pelos discentes do mestrado e os elementos de análise dos memoriais analisados.

Quadro 2 – Identidades e práticas culturais indígenas e letramento étnico na disciplina de Oralidades, escrita e identidades culturais indígenas

| Obra trabalhada | Elementos de identidade étnica e práticas culturais indígenas observadas na obra | Contribuições para o letramento étnico |
|-----------------|--|--|
| | | |

| | apontados nos projetos de leitura | apresentados nos memoriais de aprendizagens |
|---|---|--|
| <p>“Taynôh: o menino que tinha cem anos”, de autoria de Aline Pachamama</p> | <p>A ancestralidade e a transmissão de conhecimentos pelos mais velhos:</p> <p>“O menino também falava com os anciãos [...] Sabia das histórias antigas [...] Ouvia a anciã explicando como fez o mundo” (Pachamama, 2019, p. 9).</p> <p>Práticas culturais:</p> <p>“Sua brincadeira preferida era o Xondaro, por conta do círculo que faziam e dos cantos que entoavam e da dança” (Pachamama, 2019, p. 6)</p> <p>Relação com os elementos da natureza:</p> <p>“Nadando no rio, era peixe. Correndo na mata, era onça” (Pachamama, 2019, p. 4)</p> <p>Diálogo e presença de humanos e não-humanos:</p> <p>“A floresta era sua guia” (Pachamama, 2019, p.).</p> <p>Compromisso dos indígenas com a proteção da vida:</p> <p>“Somos um tempo de espera e um agir profundo. Somos a seiva da vida, que alimenta o</p> | <p>“Antes de entrar no mestrado, eu já era professora de Língua Portuguesa e trabalhava literatura, mas nunca havia trabalhado com obras indígenas, primeiro porque nem conhecia, não tive essa experiência na minha graduação, então para mim foi uma aprendizagem muito significativa, me instrumentalizou para o que eu precisava. Agora me sinto mais preparada para trabalhar essa temática em sala” (Memorial 6).</p> <p>“Trabalhar com literatura indígena foi importante para que eu conhecesse mais sobre os povos indígenas, principalmente do meu estado. Também contribuiu para que desconstruísse muitas visões equivocadas sobre indígena, até porque muitos dos preconceitos que temos são alimentados por essa ignorância sobre a ancestralidade indígena do</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>“mundo”. (Pachamama, 2019, p.23).</p> | <p>povo brasileiro” (Memorial 7).</p> <p>“Quando busco as memórias dessa disciplina, penso sobre a valorização da memória e saberes indígenas nos muitos suportes, desde a oralidade até a escrita e também as ilustrações carregadas de elementos identitários, a multimodalidade dos textos indígenas nos arrebatam e nos ensinam. Hoje me sinto mais preparada para levar textos indígenas para a sala de aula” (Memorial 9).</p> <p>“Há muito preconceito e desconhecimento sobre os indígenas, mas para mim, diferente dos demais colegas que não conheciam a literatura indígena, a memória de aprendizagem dessa disciplina é de soma com aquilo que já havia aprendido na graduação, porque aqui na universidade nós trabalhamos de forma muito intensa em várias disciplinas, tanto obras em prosa, como em versos e também dialogando literatura</p> |
|--|--|--|

| | | |
|--|--|--|
| | | com música e cinema” (Memorial 10). |
|--|--|--|

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao buscarmos as marcas de identidades indígenas destacadas pelos alunos nos projetos analisados, um dos elementos que foi enfatizado em todos eles, tanto no mestrado, quanto na graduação, foi a importância e valorização da ancestralidade, como se pode observar no Quadro 1, isso faz com que o processo de memória e identidade estejam em constante manutenção, pois como analisa Daniel Munduruku os saberes ancestrais que são repassados pelos avós, pela oralidade, “[...] como instrumento de transmissão da tradição, obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas” (Munduruku, 2018, p. 81).

Outro elemento destacado nos textos indígenas analisados e foi a relação com a natureza, o que ficou evidenciado pela presença de seres da floresta e do mundo espiritual. E isso acontece, porque no entendimento de Jekupé (1998, p. 58):

Para o povo indígena, os ancestrais que regem a natureza acompanham toda a evolução humana, como semeadores que espalham sementes pela terra e observam, nutrem e cuidam até elas frutificarem. O índio surgiu desses ancestrais sagrados: sol, lua, arco-íris, terra, fogo e ar. Dos reinos vegetal, animal, mineral. O ser índio foi se amalgamando com esses seres sagrados (Jekupé, 1998, p. 58).

Quanto ao letramento literário e suas contribuições para as relações étnico raciais, o que se observa é que os alunos mencionaram que, ao entrar em contato com esses textos, eles puderam conhecer os povos indígenas e suas culturas e em grande medida modificar concepções equivocadas sobre essas etnias. Confirmando-se o que Jekupé (2020, p. 113) defende ao dizer que: “[...] falar a verdadeira história de um povo é uma forma de defesa e [...] o que se sabe sobre nós indígenas, em muitas situações, são coisas absurdas, por isso a importância de se conhecer a literatura nativa”.

Nesse sentido, Kambeba (2020, p. 29) defende que “[...] as escolas da cidade precisam ensinar o jeito certo de se referir aos povos originários, não mais os chamando de “índios”, mas tratando-os pelo nome de suas nações específicas [...]. No século XXI, nosso arco e flecha são a educação e a literatura”.

E o trabalho com esses textos nas duas disciplinas analisadas buscou propiciar aos alunos um conhecimento mais qualificado sobre os povos indígenas, em particular daqueles cujos autores fazem parte. Em um movimento de (re)conhecimento e valorização, indo ao encontro do que propõe Hakiy (2018, p. 37):

[...] O Brasil necessita se conhecer, é impossível pensar em nossa história sem levar em consideração os povos aqui existentes, sem louvar a ancestralidade presente no canto dos pássaros e nas brisas do passado. Por isso, e muito mais, devemos encontrar mecanismos para a manutenção da cultura indígena, primordial para o surgimento da nação brasileira.

Para Cosson (2020, p. 23), os valores éticos que são parâmetros para o comportamento social ressaltam que: “Essa visão da literatura, como um tesouro ou legado a ser recebido e incorporado para edificação moral e linguística do aluno, confere aos textos literários um lugar proeminente na formação escolar, sobretudo no horizonte da educação humanística”.

A leitura de literatura indígena vai muito além do simples prazer de ler uma história, os autores Evangelista, Brandão e Machado (2011, p. 63) dizem que: “Ler é descobrir, é compreender o tanto que for necessário para não perder o fio, não é memorizar cada coisa”. Ao se aprofundar nas narrativas dos povos originários, o leitor adquire uma compreensão mais profunda da diversidade cultural do nosso país, desmistificando estereótipos e valorizando a sabedoria ancestral.

Dessa forma, observamos que as habilidades e competências norteadoras nos projetos de leitura são respectivamente, “Leitura e compreensão, Oralidade, Intertextualidade” e “Pensamento crítico; Empatia; Autonomia”. Ao desenvolver essas habilidades, os leitores podem se tornar capazes de interpretar textos complexos, expressar suas ideias de forma clara e concisa, estabelecer conexões entre diferentes obras e, principalmente, desenvolver um olhar crítico e empático sobre o mundo. Essas competências são fundamentais para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados, capazes de participar ativamente das discussões sobre os desafios da sociedade contemporânea.

Evangelista, Brandão e Machado (2011, p. 106) afirmam que é:

Importante chamar a atenção para o leitor, e não apenas para a leitura tão somente, nesse momento. Cada professor – leitor faz transmitir sua leitura em seu contexto social. Não é somente o indivíduo, o sujeito que está ali, lendo, mas as associações ali engendradas pela letra do texto que são trazidas sob a forma de outros códigos (os sociais, os simbólicos, os afetivos).

A literatura indígena, com suas narrativas ricas em oralidade e sua profunda conexão com a natureza e a comunidade, oferece um terreno fértil para o desenvolvimento dessas habilidades. Ao se debruçar sobre essas histórias, os leitores podem aprimorar sua capacidade de escuta, de compreender diferentes cosmovisões e de valorizar a diversidade cultural. Além disso, a literatura indígena oferece uma perspectiva única sobre a história do Brasil, resgatando

narrativas que foram silenciadas por muito tempo e promovendo a luta por justiça social e direitos humanos.

No entendimento de Cosson (2020, p. 55) “Os textos selecionados seriam aqueles que melhor representasse a identidade cultural do país [...] que vão das características temáticas e formais de cada texto [...]”. Isso significa que os temas, autores e obras exploradas devem ser relevantes para o contexto social e cultural dos alunos, despertando sua curiosidade e engajamento.

Desse modo, constatamos que os Projetos de Leitura pontuaram temas significativos, entre eles, a valorização da diversidade cultural, meio ambiente, multiculturalismo e pluralidade cultural, também foram apresentados temas distintos como a valorização das línguas indígenas, tendo em vista que duas dessas obras apresentavam a narrativa em língua portuguesa e na língua materna dos autores.

Ainda de acordo com Cosson (2019, p.35) “[...] é papel do professor partir daquilo que o aluno conhece para aquilo que desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura”, dessa maneira ao integrarmos temas relacionados aos saberes indígenas de forma criativa e significativa no currículo escolar, estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa, sustentável e humana.

Os projetos em análise apresentaram obras distintas de literatura indígena, isso coopera para intensificar a abordagem das culturas indígena na voz de diversos autores, o que corrobora a compreensão de Thiél (2012, p.30) ao afirmar que: “Muitos escritores indígenas discutem as dificuldades de superar os estereótipos construídos sobre o índio ao longo de séculos. Pela escrita e pela literatura, eles encontram, de certa maneira, um espaço para dialogar com seus leitores [...]”, desse modo a diversidade de obras e diferentes gêneros é um elemento potencializador para uma aprendizagem significativa e que contribua para a harmonia nas relações étnico raciais.

4 Considerações Finais

A análise dos projetos de leitura das duas disciplinas estudadas revelou um conjunto de resultados significativos que contribuem para a compreensão da importância da literatura indígena na formação de leitores críticos e conscientes. Em primeiro lugar, os Projetos demonstraram a relevância de trabalhar com textos indígenas em sala de aula, promovendo o contato dos alunos com outras culturas e cosmovisões.

Além disso, os projetos podem contribuir para a descolonização do conhecimento, ao questionar as representações hegemônicas presentes nos materiais didáticos e promover a valorização das culturas indígenas. E a partir dos dados analisados nos memoriais percebemos que a incorporação de obras de autores indígenas e a discussão de temas como a história indígena e a luta por direitos permitiram aos alunos desenvolver uma visão mais crítica e complexa sobre o mundo.

Os projetos de literatura indígena promoveram diálogos ricos e complexos, que transcendem os limites de uma única disciplina. Ao explorar as narrativas, os valores e as cosmovisões dos povos indígenas, esses projetos estabelecem conexões significativas com diversas áreas do conhecimento. Observa-se que as obras apresentadas servem como fonte para a reconstrução de histórias e culturas, muitas vezes silenciadas ou distorcidas pela história considerada oficial, como também a análise das narrativas permitiu compreender as transformações sociais, políticas e culturais vivenciadas pelos povos indígenas ao longo do tempo.

Observamos ainda que a comparação entre diferentes narrativas indígenas possibilita identificar elementos comuns e divergentes, revelando a diversidade cultural e histórica desses povos. Ressaltando-se que as histórias indígenas estão intrinsecamente ligadas ao território, descrevendo paisagens, recursos naturais e as relações dos povos com o ambiente. Além disso a análise geográfica das narrativas permite compreender a importância do território para a identidade e a sobrevivência dos povos indígenas, desse modo a literatura indígena pode ser utilizada como ferramenta para o ensino de conceitos geográficos, como a localização, a orientação e a relação entre o homem e o meio ambiente. Entre outras possibilidades de diálogos interdisciplinares.

Conclui-se que os projetos de leitura são ferramentas pedagógicas eficazes para o desenvolvimento de leitores críticos, além de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos. Além de oferecerem um ambiente rico para o desenvolvimento de diversas competências e habilidades essenciais para o indivíduo e para a sociedade. Por meio da leitura crítica, reflexiva e respeitosa, podemos ampliar a visão de mundo, fortalecer a interculturalidade, promover a empatia, conhecer e valorizar a cultura indígena, aprimorar a criatividade e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, lembrando que a leitura da literatura indígena deve ser sempre realizada com respeito à diversidade cultural e à memória dos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, Vozes, 2006.
- COLETIVO 105. **A festa dos encantados**. Brasília: Idade da Pedra produções gráficas, 2016.
- COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Eliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. **A escolarização da literatura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.
- HAKIY, Tiago. Literatura indígena - a voz da ancestralidade. In: DORRICO, Julie et al. (Org.). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Criação, Crítica e Recepção**. 1 ed. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 37-38.
- JEKUPÉ, Kaka Werá. **Oré awé roiru'a ma - Todas as vezes que dissemos adeus**. 2. ed. São Paulo: Triom, 2002.
- JEKUPÉ, Kaka Werá. **A terra de mil povos**. São Paulo: Peirópolis, 1998.
- JEKUPÉ, Olívio. Os velhos são nossos mestres. In: POTIGUARA, Eliane (Org.). **Sol do pensamento**. Inbrapi/Grumin, 2005.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. **O povo Kambeba e a gosta d'água**. Brasília: Edebê Brasil, 2022.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, Julie et al. (Org.). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Criação, Crítica e Recepção**. 1 ed. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 39-44.
- MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura. In: DORRICO, Julie et al. (Org.). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Criação, Crítica e Recepção**. 1 ed. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 81-84.
- PACHAMAMA, Aline. **Taynôh: o menino que tinha cem anos**. Rio de Janeiro: Pachamama Editora, 2019.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998; EDUC/Mercado das Letras.
- THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte. Editora Autentica, 2012.